

O ensino híbrido: processo de ensino mediado por ferramentas tecnológicas

Emílio Bertholdo Neto¹

Resumo: As universidades têm encontrado um novo perfil de aluno ocupando suas cadeiras, definido como membros da Geração Y. Esta geração é constituída, de acordo com alguns autores, por indivíduos nascidos aproximadamente entre os anos de 1980 e 2000 e possuem perfil mais questionador, com rápido acesso à informação devido aos grandes avanços tecnológicos e relacionamentos pautados no ambiente virtual. Considerando tais fatores, as metodologias tradicionais de ensino-aprendizagem demonstram-se pouco efetivas para ensinar os membros dessa geração em comparação com os membros de gerações passadas. Este estudo visa entender algumas questões acerca da metodologia de ensino híbrido, conhecida também como *blended learning*. Tal metodologia é caracterizada pela união entre ensino presencial, por meio de projetos e resolução de problemas, e estudo on-line, alterando a dinâmica professor-aluno, onde o professor assume o papel de mediador do conhecimento, e não o de portador, como é caracterizado no ensino tradicional.

Palavras-chave: Ensino Híbrido. Geração Y. Desenvolvimento Docente. Cibercultura.

¹ Emílio Bertholdo Neto - é arquiteto, urbanista e especialista em metodologia e práticas educacionais e mestrando no PPG em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sua pesquisa faz conexões entre as áreas de urbanismo, gestão urbana e territorial, ferramentas inovadoras de gestão, tecnologias aplicadas a cidades e inteligência territorial. Tem experiência com projetos na área de arquitetura, projetos urbanos e docência, atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura, urbanismo, análise de projetos, tecnologia.

Abstract: Universities have been facing a new student profile occupying their college chairs, defined as members of Generation Y. This generation has been formed, according to some authors, by individuals born approximately between the years 1980 and 2000 showing a more questing profile, quick access to information due to technological breakthroughs and guided relationships in the virtual environment. Considering these factors, the traditional methods of teaching and learning is not very effective reaching the members of this generation in comparison to the members of past generations. This study aims to understand some questions about the hybrid teaching methodology, also known as blended learning. This methodology is characterized by the union of classroom teaching through projects and problem solving, and study mediated on online environment, changing the teacher-student dynamic where the teacher assumes the role of mediator of knowledge, not the carrier, as it is featured in traditional teaching.

Keywords: Blended Learning. Generation Y. Teaching Development. Ciberculture.

Geração Y e a sala de aula na Cibercultura

O presente tópico disserta sobre o perfil dos membros da geração Y, a mudança no comportamento destes quando comparados com as gerações anteriores, a facilidade de acesso à informação e ao conteúdo em que esses indivíduos encontram-se online e compartilhando informações em tempo real, gerando modos virtualizados relacionamento, comuns aos membros dessa geração.

Segundo o dicionário Houaiss (2010, p.388) o termo geração é definido como: “espaço de tempo que separa cada grau de filiação”. Uma geração pode estar compreendida em períodos de tempo de até 25 anos. Alguns autores classificam como componentes da geração y os indivíduos nascidos entre 1980 e 2000, embora alguns autores ainda incluam indivíduos nascidos no final da década de 70.

Os jovens dessa geração participaram do surgimento e implantação da internet. Muitos vivenciaram sua consolidação, outros a encontraram já consolidada. Estes jovens são imigrantes dessas tecnologias acompanhando o ritmo intenso de atualizações tecnológicas e acesso a informação.

Mudanças constantes formaram uma geração com um perfil bem característico. No livro “Geração Y: O Nascimento de Uma Nova Versão de Líderes” (OLIVEIRA 2010), o autor descreve os jovens dessa geração como flexíveis, criativos e questionadores, mas que necessitam de reconhecimento por tudo o que desempenham. Estes jovens são curiosos, têm pressa em conseguir o que almejam, sabem onde buscar a informação e tem facilidade em consegui-la, segundo trecho de Periscinoto (2008) extraído do site *callcenter.inf.br*:

O acesso fácil às informações, trazido pela internet, temperou o caldo de cultura. O resultado é que, para extrair ao máximo as potencialidades dessa talentosa geração, é necessário abrir-se ao diálogo. Fazê-los entender é muito mais produtor do que simplesmente mandar. Para essa geração, a hierarquia não é um argumento-fim. Sem contar a falta de formalidade desses jovens, cuja educação sempre privilegiou a individualidade – e suas manifestações.

Como é possível analisar na passagem acima, trata-se de jovens que foram criados em um ambiente familiar onde a hierarquia familiar cedeu lugar ao diálogo. É mais produtivo levá-los a pensar sobre tal assunto, do que prover o conhecimento pronto.

Silva e Trevisol (2012, p.8) consideram essa geração como a “de autoestima mais elevada de todos os tempos”. Estes jovens são ativos na apropriação do saber e imediatistas, acreditam que tudo acontece, ou deveria acontecer, na velocidade da internet, vivem na

cultura da tecnologia, das relações virtualizadas, são os jovens da “cibercultura” (LEVY, 1999).

As constantes atualizações tecnológicas e a grande influência cultural na sociedade da segunda metade do século XX até o momento têm causado uma virtualização das relações. Segundo Levy (1996, p.5) entende-se virtualização como:

A palavra vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente.

Nesse contexto, o autor não define o virtual como o oposto do real, mas como uma diferente maneira de ser. As interações realizadas no ciberespaço são dotadas de realidade em potencial, onde constituem-se por informações das mais diversas origens, interligadas e com potencial para modificarem a estrutura do pensamento humano.

Santos (2011) define o ciberespaço como um ambiente imaterial constituído por milhões de pessoas interligadas em rede por meio da internet. Logo, as relações criadas nesse espaço não são menos verdadeiras do que as relações praticadas fora do ciberespaço, mas compostas por naturezas e potências diferentes.

Desse modo, pode-se compreender as tecnologias de informação e comunicação (TICs) como elementos de mediação dessas relações virtualizadas.

Baudrillard (1991) afirma que as tecnologias são responsáveis pela liquidação das referências que constituem o mundo que chamamos como real gerando jogos de simulacros e simulações. Harvey (1992), em *Condição Pós-Moderna*, exhibe o conceito de compressão do espaço-tempo, atribuindo uma reinterpretação das distâncias e a quebra de barreiras culturais ocasionadas pela tecnologia, caracterizada nesse contexto como elemento agenciador da virtualização territorial.

Pode-se considerar as TICs como elementos que estruturam um novo modo de vivência e que sustentam conceitos como a “cibercultura” (LEVY,1999), o qual, segundo o autor, tem alterado as relações sociais e, mais amplamente, as relações pedagógicas, que, influenciada por tais mudanças, busca se reinventar.

Será necessário, portanto, buscar encontrar soluções que utilizem técnicas capazes de ampliar o esforço pedagógico dos professores e dos formadores. Audiovisual, “multimídia” interativa, ensino assistido por computador, televisão educativa, cabo, técnicas clássicas de ensino a distância [...] (LEVY, 1999, p.169).

Diferentes métodos têm surgido para tornar a sala de aula mais dinâmica, tecnologias têm se aliado ao quadro negro e ao giz para diversificar os modos de apresentação dos conteúdos e atingir mais efetivamente esses alunos imediatistas por natureza. Nesse momento, o papel do professor se renova, tanto pelo ensino à distância (EaD) quanto pela nova mediação do conhecimento possível por causa da tecnologia.

O EaD explora técnicas de ensino-aprendizagem mediadas pela tecnologia, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativa que compõem a cibercultura. Mas o essencial se encontra em um novo estilo de ensino, que favorece ao mesmo tempo a aprendizagem personalizada e coletiva em rede.

De acordo com o exposto por Levy (1999 p. 158):

Mas o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos.

Como é possível ver no trecho acima, extraído do livro de “Cibercultura”, Levy (1999) deixa claro as novas funções do professor na cultura da tecnologia, onde o professor não é o portador do conhecimento. Na cibercultura, o conhecimento pode ser encontrado facilmente na rede. Nesse contexto, o professor é um elemento mediador entre conhecimento e aluno. Ou seja, sua função passou a ser um instigador da inteligência coletiva.

O professor, em meio ao processo de mediação, torna-se o elemento norteador do aluno, guiando-o em direção ao saber. Dewey, em seu livro “Experiência e Educação” (1976), disserta sobre a metodologia reflexiva e a capacidade da educação de tornar o homem um ser independente. Logo, ao professor é atribuída a função de agenciador da emancipação do aluno por meio da apropriação do conhecimento.

Os docentes deixam de ser os principais depositários do conhecimento e passam a ser consultores metodológicos e animadores de grupos de trabalho. Esta estratégia obriga a reformular os objetivos da educação. O desenvolvimento de competências-chave (...) substitui a sólida formação disciplinar até então visada. (LABARCA, 1995 apud BARRETO, 2004, p.14)

Nesse momento cria-se uma ruptura entre o que ocorre tradicionalmente na escola e o que a tecnologia e o novo modo de vida em que essa geração está inserida oferecem. Enquanto o ensino básico ainda prega metodologias tradicionalistas, ao encontrar-se na educação superior, o aluno precisa andar com as próprias pernas sem o auxílio constante

do professor entregando a ele o conhecimento pronto.

A grande questão da cibercultura, tanto no plano de redução dos custos como no do acesso à educação, não é tanto a passagem do “presencial” à “distância”, nem do escrito e do oral tradicionais à “multimídia”. É a transição de uma educação e uma formação estritamente institucionalizadas (a escola, a universidade) para uma situação de troca generalizada de saberes, o ensino da sociedade por ela mesma, de reconhecimento autogerenciado, móvel e contextual das competências. (LEVY, 1999, p.172)

Nesse momento encontra-se uma ruptura com os conceitos da educação tradicional, na qual o aluno é considerado um elemento passivo e receptor do conhecimento, e o professor, o portador de tal conhecimento. Nesse novo contexto, a tecnologia pode ser interpretada como um meio de democratizar a educação e o acesso a uma formação verdadeiramente emancipatória (BELLONI, 2005)

Considerando o cenário educacional, o advento e a integração das TICs fazem surgir uma problemática de como transpor a ruptura entre ensino presencial (tradicional) e o ensino tecnológico (EAD) de um modo a minimizar o choque dos alunos na migração de uma modalidade de ensino para a outra.

O que está surgindo, porém, nas universidades de qualidade é a combinação do ensino on-line à distância com o ensino in loco. Isso significa que o futuro da educação superior não será on-line, mas em rede entre nós de informática, salas de aula e o local onde esteja cada aluno. A comunicação mediada por computadores está se difundindo em todo o mundo, embora apresente uma geografia extremamente irregular [...] (CASTELLS, 1999, p.487).

Na passagem extraída do livro “A sociedade em Rede”, de Manuel Castells (1999), é possível ver uma tendência para a miscigenação das técnicas educacionais. Carmo (1997) discursa a respeito dessas novas abordagens como uma convergência dos “paradigmas” presencial e a distância, que se torna possível por meio dos usos adequados das TICs.

Os autores citados nesse capítulo descrevem a importância das novas tecnologias no cotidiano dos membros dessa nova geração, e entendem que as TICs, aliadas aos métodos de ensino aprendizagem, podem ser ferramentas que simplificam o acesso à informação e alteram a dinâmica em sala de aula.

O ensino híbrido e o professor mediador

O tópico a seguir disserta a respeito da modalidade híbrida de ensino, aliando a tecnologia e o ensino em sala de aula, bem como os novos papéis dos professores para a geração Y, em que estes não são mais os portadores da informação, uma vez que esta se encontra on-line, mas como mediador entre o conhecimento e o aluno, utilizando metodologias que direcionam os alunos a apropriação do conhecimento.

Considerando as tecnologias, diversas instituições de ensino superior fora do Brasil, com destaque para Estados Unidos e Europa, têm aplicado metodologias de ensino aprendizagem que mesclam o ensino em ambientes virtuais, priorizando exemplos teóricos e de discussão, mantendo o ambiente em sala de aula para atividades práticas por meio da aprendizagem baseadas em problemas (*Problem Based Learning*).

Através da internet, instituições de ensino como *Florida Virtual School*, um grupo de escolas públicas do estado da Flórida nos Estados Unidos, tem conseguido educar seus alunos desde o jardim da infância (*Kindergarden*) até o último ano do ensino médio (*12th year*) pela modalidade *Blended Learning*.

Michael Horn (2014), em entrevista ao site *porvir.org*, relatou que algumas instituições, como a citada acima, têm conseguido atender e educar seus alunos com uma abrangência maior do que apenas o estado da Flórida, levando educação a diversas partes do mundo. Considerando uma escala menor, Horn também cita *Quakertown Public Schools* na Pennsylvania, outro exemplo de instituição que adotou o *Blended Learning* como modalidade para educar seus alunos na era digital.

Rovai e Jordan (2004), em seu artigo *Blended Learning and the sense of community* (ensino misto e o senso de comunidade), intitulam o ensino misto como pedra fundamental para a nova escola. O título dado pelos autores demonstra a importância da flexibilidade do modo de ensinar a nova geração, proporcionando, através dessa ferramenta de ensino-aprendizagem, possibilidades de adequar o ensino ao modo de aprender do aluno.

Colis e Moonen (2001) explicam o ensino híbrido como modalidade que mescla, em seus componentes curriculares, ensino tradicional presencial com o ensino mediado pela tecnologia (on-line ou em rede) – onde o ensino on-line se torna, para os autores, uma extensão da sala de aula tradicional, resultando em um currículo mais adaptável as necessidades de aprendizagem do aluno, proporcionando-lhe uma maior oportunidade de buscar o conhecimento e aplicá-lo nas atividades presenciais, evitando perder completamente a presença do professor, tornando a aprendizagem mais robusta e

mantendo-a humanizada.

O professor torna-se mediador do conhecimento e não mais transferidor. O aluno aprende por métodos mais ativos de aprendizagem, em que ele busca o próprio conhecimento, sendo a educação como elemento emancipador do indivíduo como vemos em Santos (2010, p. 3):

No campo da educação, as repercussões da emergência desse mundo virtual, proveniente das redes globais de computadores, são bastante óbvias. Sobretudo, se considerarmos que o principal papel da educação reside na preparação do indivíduo para, autonomamente, saber buscar informações e transformá-las no conhecimento de que ele necessita, no momento em que deles necessita e da forma mais criativa possível.

Embora essa modalidade de ensino seja um elemento que une as melhores práticas do ensino presencial e do ensino a distância, onde, possivelmente, os momentos de encontros presenciais supririam as fragilidades do ensino a distância e vice-versa, novas questões emergem dessa problemática: com modos tão diversos de ensinar, como garantir que o ensino seja entregue com qualidade?

Creio que o computador vai substituir o professor. Estou falando, é claro do professor transmissor de conteúdo, parado no tempo, aquele das conhecidas fichas que serviam para todas as turmas, ano após ano, aquele que pensava que, mesmo apresentando as coisas de maneira maçante e tradicional, trazia novidades para as pessoas que não sabiam quase nada. Essa transmissão de dados passará a ser feita pelo computador de um modo muito mais interessante: com recursos de animação, cores e sons; o aluno terá papel ativo, buscando os temas em que deseja se aprofundar. Algo excluído há muito tempo do currículo entrará na escola: a própria vida do estudante. Então caberá a nós reinventar a nossa profissão. (RAMAL, 2000, p.1)

Ramal (2000) deixa claro nesse trecho a necessidade do professor se aprimorar e acompanhar as mudanças advindas da tecnologia. É tarefa das instituições de ensino suportarem a capacitação dos professores, para que acompanhem o avanço da tecnologia, incorporem em suas práticas diárias de ensino e melhor desenvolvam os alunos.

Seja no ambiente virtual ou no presencial, a atualização dos conhecimentos do professor se faz necessária, e, junto com ela, uma mudança de postura de professor detentor para mediador do saber. Com as novas metodologias, o ensino se torna uma troca constante de conhecimento. O docente se torna um guia que leva o aluno a entender a realidade e a adquirir os conhecimentos científicos que lhe interessa, fazendo com que o ensino se torne centrado no aluno.

Os professores aprendem ao mesmo tempo que os estudantes e atualizam continuamente tanto seus saberes “disciplinares” como suas competências pedagógicas. (A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e à distância). (LEVY,1999 p.157)

Nesse contexto, o aluno torna-se o produtor de seu conhecimento, mas, com um fluxo intenso de informação à sua disposição, é necessário aprender como gerenciar tal conhecimento. Nesse processo, o professor assume a responsabilidade de incitar o aluno a se desenvolver e procurar o conhecimento de que precisa para alcançar tal solução.

Seja como objeto de investigação teórica ou de preocupação empírica, desvendar os processos de ensino aprendizagem no meio virtual é crucial para a investigação de uma nova escola, baseada em uma nova organização do trabalho pedagógico, suscetível a possibilitar o entorno educativo necessário para que a sala de aula possa continuar, de forma renovada, a cumprir sua missão. (SANTOS, 2010, p.3)

Como é possível ver no texto de Santos (2010), é necessário que se investigue novas formas de renovação da sala de aula. O professor precisa de uma liberdade para a escolha de seu próprio material, a fim de formular atividades condizentes com o conhecimento ao qual deseja direcionar seus alunos de forma eficiente. Para que a mediação entre conhecimento e tecnologia aconteça de forma eficaz, o professor necessita estar completamente “à vontade” com o material.

É muito comum vermos situações de ensino-aprendizagem inovadoras, calcadas na virtualidade, empregando materiais didáticos tradicionais, o que desvirtua, sem trocadilhos, as relações educativas almejadas ou alardeadas. O desenvolvimento de materiais didáticos para a sala de aula virtual – objetos de aprendizagem, conteúdos digitais, hiperdocumentos, *sites*, educativos, *blogs* etc. – constitui, portanto, uma necessidade fundamental para subsidiar o trabalho docente em situações de exploração pedagógica das NTCIE². (SANTOS, 2010, p.9)

Como Santos (2010) afirma, é necessário que os materiais sejam repensados para que se incorporem às novas mídias. Utilizar materiais tradicionais que não fazem interface com as novas tecnologias da informação e comunicação, por sua vez, torna-se monótono e maçante, não cumprindo sua função de instigar o aluno a pesquisar e adquirir novos conhecimentos.

A sala de aula para essas novas modalidades precisa estar em sincronia com as novas tecnologias O ambiente virtual precisa ser acolhedor e proporcionar o diálogo,

² NTCIE: Novas Tecnologias de Informação, Comunicação e Expressão

integrando o aluno aos seus pares independentemente de seu posicionamento geográfico, uma vez que, devido à quebra de barreiras espaciais proporcionadas pelas TICS (HARVEY,1992), a sala de aula virtual será “geograficamente dispersa”, como descreve o fragmento abaixo:

Em consequência, os novos papéis docentes na sala de aula virtual são, sobretudo, aqueles relacionados com a gestão de situações educativas virtuais, descentralizados, geograficamente dispersas, sem a perda dos fios condutores, os quais devem conduzir os alunos à conclusão das interações e à realização dos objetivos de aprendizagem previstos, fazendo com que se sintam conectados e em permanente atividade de trabalho. (SANTOS, 2010, p.11)

Conforme descrito por SANTOS (2010), nos novos modelos de educação, é incumbido ao professor a responsabilidade de gerir seus alunos, através da sala de aula virtual e das tecnologias de comunicação. Cabe-lhe não mais ensinar seus alunos sobre conceitos científicos, mas conectá-los a seus pares e ao mundo, manter a informação fluindo entre todos os envolvidos e incitando-os a buscar o conhecimento. O professor torna-se, nesse novo cenário, um mentor de seus alunos, fazendo-os refletir e se dando-lhes elementos para se emanciparem por intermédio da educação, tornando-se indivíduos produtores de seu próprio conhecimento.

O tópico demonstra os benefícios do ensino híbrido enquanto modalidade capaz de instruir o aluno, para que, de forma autônoma, ele mesmo adquira os conhecimentos necessários para o desenvolvimento de tal tarefa ou competência. Ao aliar as TICS, torna-se possível criar um ambiente de ensino geograficamente disperso; no entanto, mostra-se necessário que o professor receba treinamento adequado e tenha liberdade de escolher com quais conteúdos sente-se à vontade, para que seja possível atuar como mediador, direcionando seus alunos de forma correta e eficiente para a apropriação do saber.

Considerações Finais

O objetivo da pesquisa foi entender a influência da tecnologia na sala de aula do século XXI. Conforme os estudos deste artigo, foi entendido que os membros da geração Y não lidam com a hierarquia da mesma forma que a geração anterior. Estes indivíduos foram acostumados, como vemos no texto de Oliveira (2010), a questionar; logo, o debate é algo mais efetivo no processo de ensino aprendizagem do que a transmissão de conteúdo de modo expositivo como ocorria na sala de aula tradicional.

O avanço da TICS tem alterado o modo como os indivíduos se relacionam cotidianamente, criando o que Levy (1999) denominou cibercultura. Esta, por sua vez, gerou novos modos de comunicação e diferentes formas de mediar relações, que se encontram arraigados na formação dos jovens, tornando-se um elemento intrínseco e de alta relevância na formação.

Diante dessas novas influências e do perfil dos alunos que têm alcançado o nível superior, é possível compreender a possibilidade de desenvolver formas mais eficientes e atrativas para esse aluno -- mais questionador e com recursos de acesso à informação praticamente ilimitados, criando um ambiente pautado nas discussões e na liberdade de aprendizado, guiando o aluno em direção ao conhecimento, em vez de impor-lhe tal conhecimento.

Nesse novo contexto, os professores, enquanto mediadores da relação aluno-aprendizagem, precisam ser preparados para os novos modos de ensinar. Nesse cenário, a atualização e o desenvolvimento docente mostram-se cruciais para o bom desempenho dos alunos e para que o processo de ensino- aprendizagem ocorra com qualidade.

A pesquisa demonstra a importância da tecnologia como elemento fundamental para os indivíduos no século XXI. Tais tecnologias permeiam todos os âmbitos da vida desses membros, alterando o modo de se relacionarem com outros indivíduos, noções de espaço-tempo, acesso a informação etc., trazendo uma característica imediatista, que não pode ser ignorada, e que tem capacidade de beneficiar a vida acadêmica com práticas mais eficazes e direcionadas para os indivíduos da geração Y.

Nessa nova modalidade de ensino, que alia tecnologia a encontros presenciais (Ensino Híbrido), o tempo de aula não mais é definido como no método tradicional. Os alunos podem acessar conteúdo, participar de grupos de discussão e resolver problemas ou treinar habilidades importantes ao seu aprendizado de qualquer lugar, a qualquer momento, desfrutando de uma experiência de aprendizagem intensiva e autônoma.

A pesquisa permite compreender que a cultura digital beneficia a sala de aula e a aprendizagem dos alunos, mostrando que a integração entre aluno e tecnologia proporciona experiências mais vívidas e próximas de sua realidade. Ao aliar a sala de aula virtual, redes sociais, formas de comunicação interpessoal e acesso a informação e grupos de discussão independentemente de sua localização geográfica, o resultado consiste em uma experiência de aprendizagem emancipadora e contínua.

Referências

ALFRED, P. Rovai e HOPE, M. Jordan. **Blended Learning and Sense of Community: A comparative analysis with traditional and fully online graduate courses**, IRRODL (The International Review Of Research in Open and Distributed Learning), Athabasca University, Disponível em <http://www.irrodl.org/index.php/irrodl/article/view/192/274>, Ago-2004. acessado em 10/07/2015 as 11:00.

BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologia e Educação: Trabalho e Formação Docente, Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1181-1201, Set./Dez. 2004, Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

BELLONI, Maria Luiza. Educação a Distância e Inovação Tecnológica, Trabalho, Educação e Saúde, v. 3 n. 1, p. 187-198, 2005.

BOROCHOVICIUS, Eli e TORTELLA, Jussara Cristina Barboza. Aprendizagem Baseada em Problemas: Um Método de Ensino-Aprendizagem e suas Práticas Educativas, Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 83, p. 263-294, abr./jun. 2014

CARVALHO, Joana. Ensino-Aprendizagem do PLE em Modalidade Híbrida, Revista Animação e Educação, Fevereiro de 2010

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede volume 1, Trad. Roneide Venâncio Majer colaboração Klauss Brandini Gerhardt, 8ª edição revista e ampliada, São Paulo: editora Paz e Terra, 1999.

DEWEY, John. Experiência e Educação, Trad. Anísio Teixeira, 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: Evolução Histórica e Efeitos Sociais, Ci. Inf., Brasília, v. 28, n. 3, p. 269-277, set./dez. 1999.

ENGELMANN, Deise Cristina. O Futuro da Gestão de Pessoas: Como Lidaremos com a Geração Y?, Disponível em <http://www.rh.com.br/Portal/Mudanca/Artigo/4696/o-futuro-da-gestao-de-pessoas-como-lidaremos-com-a-geracao-y.html#> acessado em 13/07/2-15 15:28.

HARVEY, David. Condição pós Moderna, trad. Adail Ubirajara Sobral, 21ª ed., Loyola, 1992

HERRINGTON, J., REEVES, T.C. and OLIVER, R. A Guide to Authentic e-Learning, Routledge, Murdoch University, New York/ 2010, disponível em <http://researchrepository.murdoch.edu.au/1903/1/a_guide_to_authentic_learning.pdf>, acessado em 07/07/2015 as 11:14.

HOUAISS, Antônio. Minidicionário Houaiss, 4ª edição revisada e aumentada, Rio de

Janeiro: Objetiva, 2010.

LÉVY, Pierrrel. Cibercultura, Trad. Carlos Irineu da Costa, 1ª edição, 1ª Reimpressão, São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. O Que é o Virtual, Trad. Paulo Neves, 1ª edição, São Paulo: Editora 34, 1996.

E-book, disponível em <<http://blogmidia8.com/2010/03/dica-literaria-o-que-e-o-virtual-de.html>>, acessado em 13/06/2015 as 09:20

LINS, Dulciane Torres. Resenha – Geração Y: O Nascimento de Uma Nova Versão de Líderes. OLIVEIRA, Sidnei. SÃO PAULO: INTEGRARE EDITORA, 2010. Faculdade Instituto Paulista de Ensino, Revista Científica Hermes, 2011.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor, Em Aberto, Brasília, nº 70, 57-70, abr/jun. (1996).

MORAN, José Manuel, Filho, MANOEL Araujo Filho e SIDERICOUDES, Odete. A Ampliação dos Vinte Por Cento a Distância: Estudo de Caso da Faculdade Sumaré – SP, Maio/ 2015.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa e KRAMER, Sonia. **Contemporaneidade, Educação e Tecnologia**, Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1037-1057, Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>, out. 2007.

MOREIRA, José Antônio Marques e MONTEIRO, Angélica Maria. O Trabalho Pedagógico em Cenários Presenciais e Virtuais no Ensino Superior, Revista Educação, Formação & Tecnologia, v.3, p. 82-94, nov. 2010

OLAPIRIYAKUL, Kamolbhan e SCHER, Julian M. A Guide to Establishing Hybrid Learning Courses: Employing Information Technology to Create a New Learning Experience, and a Case Study, Department of Information Systems, New Jersey Institute of Technology, University Heights, Newark, New Jersey/ USA, p. 287-301, Accepted 23rd August 2006.

OLIVEIRA, S. Geração Y: O Nascimento de Uma Nova Versão de *Líderes*. 1ª edição, São Paulo: Integrara Editora, 2010.

PERISCINOTO, Alexandra. Geração Y Chega ao Mercado de Trabalho, set-2008. disponível em <http://www.callcenter.inf.br/artigos/34038/geracao-y-chega-ao-mercado-de-trabalho/imprimir.aspx>, acessado em 10/07/2015 as 15:45.

PINTO, Suzi Samá, LAURINO, Débora Pereira e LUNARDI, Guilherme Lerch. Percepção de Graduandos de Diferentes Gerações em Relação à Educação a Distância, Revista Iberoamericana e Evaluación Educativa, v.6, p. 245-264 out-2013.

RAMAL, Andrea Cecilia. O Professor do Próximo Milênio, In: Revistas Aulas e Cursos, disponível em <http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0018.htm>, acessado em 07/07/2015 as 11:35, 2000.

SANTOS, Gilberto Lacerda. Ensinar e Aprender no Meio Virtual: Rompendo Paradigmas, Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37,n.2, p. 307-320, mai./ago. 2011.

SILVA, Helena et al. Inclusão Digital e Educação para a Competência Informacional: Uma Questão de Ética e Cidadania, Ci. Inf., Brasília, v. 34, n. 1, p.28-36, jan./abr. 2005.

WEBER, Aline Andrade e SANTOS Edméa Oliveira. Educação Online em Tempos de Mobilidade e Aprendizagem Ubíqua: Desafios Para as Práticas Pedagógicas na Cibercultura, Revista EDaPECI, São Cistovão (SE), v.13, n.2, p.168-183, maio/ agosto 2013